

QUANDO O TRABALHO ADOECE: O PRODUTIVISMO ACADÊMICO E O ADOECIMENTO DOCENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Raimundo Sérgio de Farias Júnior^{ID¹}, Alyssa Jasmim Ferreira Pereira^{ID²},
Andriele Caroline Domingos Silva^{ID³} e Mylena Pereira Viegas^{ID⁴}

Resumo

O presente artigo se propõe a investigar o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente a partir do problema: que relações podem ser estabelecidas entre a intensificação do trabalho docente no ensino superior e o processo de adoecimento de professores que atuam em cursos de Pós-Graduação? Assim, apresento seu objetivo geral: a) Analisar as relações que se estabelecem entre a intensificação do trabalho na educação superior e o processo de adoecimento dos docentes. Trata-se de um estudo bibliográfico, complementado por uma pesquisa empírica, que foi realizada em duas universidades: UEPA e UNAMA, especificamente junto a professores doutores que atuam em programas de pós-graduação. O instrumento de coleta de dados foi o emprego de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam que os docentes partícipes do estudo empírico encontram-se submersos na cultura do desempenho e com isso adoecendo física e mentalmente cada vez mais.

Palavras-chave: Adoecimento docente; Trabalho docente; Produtivismo acadêmico.

WHEN WORK GETS SICK: ACADEMIC PRODUCTIVISM AND TEACHER ILLNESS IN HIGHER EDUCATION

Abstract

This article aims to investigate academic productivism and teacher illness based on the problem: what relationships can be established between the intensification of teaching work in higher education and the illness process of teachers working in postgraduate courses? Therefore, I present its general objective: a) Analyze the relationships that are established between the intensification of work in higher education and the process of illness among teachers. This is a bibliographic study, complemented by empirical research, which was carried out at the two universities: UEPA e UNAMA, specifically with professors with doctorates who work in postgraduate programs. The data collection instrument was the use of semi-structured interviews. The results indicate that the teachers participating in the empirical study find themselves

¹ Professor do Programa de Pós-graduação de Ciências da Religião (UEPA). Doutor em educação.

² Acadêmica de Pedagogia (UEPA). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/FAPESPA)

³ Acadêmica de Pedagogia (UEPA). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

⁴ Acadêmica de Pedagogia (UEPA). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

submerged in the culture of performance and thus becoming increasingly physically and mentally ill.

Keywords: Teacher illness; Teaching work; Academic productivism

1 Introdução

Há uma tênue e sensível relação entre trabalho, produtivismo e adoecimento docente, em especial aqueles que exercem o labor na educação superior. Inicialmente, cabe anunciar que, na linha investigativa de Marx, o trabalho, representa muito mais um elemento que garante a sobrevivência humana. Trata-se, pois, de entender o trabalho como categoria ontológica fundamental da existência humana e expressa uma dimensão insuprimível da vida humana, já que é a atividade que permite a homens e mulheres a possibilidade de criar, transformar conscientemente a realidade com a qual se sociabiliza.

Marx (2013) sustenta uma tese fundamental sobre a configuração do trabalho: a base da economia capitalista é a exploração da força de trabalho, que no vigente modo de produção é uma mercadoria e como tal seu valor é calculado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção. O trabalho docente está submerso na lógica de acumulação capitalista, guardada as devidas especificidades. Os professores têm sua identidade construídas em razão direta as exigências da função exercida no ambiente do exercício profissional, seja na educação básica ou na superior. Os estudos de Tardif e Lessard (2005) indicam essas evidências.

No entanto, independentemente do nível escolar e da rede onde atuam, presenciamos progressivamente que os trabalhadores docentes vêm enfrentando a acentuação da precarização das condições de trabalho, do rebaixamento salarial, da perda do controle do processo de trabalho, acompanhado de um avançado processo de desprestígio social. Nas últimas décadas, a educação superior no Brasil vem adotando a racionalidade da lógica do “*publish or perish*” (publique ou pereça) inspirada no modelo norte-americano. Um dos reflexos dessa lógica é a intensificação do trabalho docente que vem comprometendo a vida e a saúde dos professores. De acordo com Severiano Júnior et al (2021, p. 343):

O produtivismo acadêmico é uma prática que vem impactando de forma nociva a pesquisa científica ao longo dos últimos anos, sendo visto como uma anomalia, em que o pesquisador é praticamente obrigado – de forma normativa e institucional – a ter um determinado número de produção científica para se manter dentro dos programas de pós-graduação.

Segundo Vieira, Castaman e Junges Júnior (2021) o produtivismo acadêmico, particularmente no Brasil, começou a seguir essa racionalidade na

Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 11, n. 29, p. 27-47, out/dez. 2024.

década de 1990 por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que instituiu um novo modelo de avaliação e cujos propósitos estavam muito mais centrados na quantidade do que na qualidade da produção acadêmica. Assim, esse artigo tem seu problema de investigação expresso da seguinte forma: que relações podem ser estabelecidas entre a intensificação do trabalho docente no ensino superior e o processo de adoecimento de professores que atuam em cursos de Pós-Graduação?

Ressalta-se que a intensificação atinge diretamente o conjunto de trabalhadores docentes de IES (Instituições de Ensino Superior), algo que levou a uma considerável produção acadêmica na área. Mas essa intensificação, guardada as devidas diferenças, também afetam os professores da rede privada de ensino. A investigação foi realizada junto a docentes que atuam em programas de pós-graduação Stricto Sensu da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da UNAMA (Universidade da Amazônia) e teve como objetivo geral: a) analisar as relações que se estabelecem entre a intensificação do trabalho na educação superior e o processo de adoecimento dos docentes. Já os específicos: a) Identificar processos de adoecimento mais comuns em docentes que atuam em programas de pós-graduação Stricto Sensu da UEPA e UNAMA; b) Verificar diferenças e semelhanças nos processos de intensificação do trabalho e adoecimento que atingem os docentes das universidades supracitadas; c) investigar quais processos de adoecimento estão mais diretamente relacionadas a intensificação do trabalho docente em cursos de pós-graduação Stricto Sensu e d) identificar que fatores relacionados ao exercício do magistério, em condições de intensificação, podem estar associados ao processo de adoecimento dos docentes. Os resultados seguem expostos nas seções que constituem esse artigo e apresentados a seguir.

2 O produtivismo acadêmico e o adoecimento docente em universidades: reflexos da precarização das condições de trabalho

Estamos exaustos e correndo. Exaustos e correndo. Exaustos e correndo. E a má notícia é que continuaremos exaustos e correndo, porque exaustos-e-correndo virou a condição humana dessa época. E já percebemos que essa condição humana um corpo humano não aguenta. O corpo então virou um atrapalho, um apêndice incômodo, um não-dá-conta que adoece, fica ansioso, deprime, entra em pânico. E assim dopamos esse corpo falho que se contorce ao ser submetido a uma velocidade não humana. Viramos exaustos-e-correndo-e-dopados. Porque só dopados para continuaremos exaustos-e-correndo (Brum, 2016, s.p).

Brum (2016) é uma jornalista que tem uma coluna no Jornal Espanhol *E/ País*. Inspirada no livro “Sociedade do cansaço” (Han, 2017) ela traça um retrato da irracionalidade que vivemos. Mas até chegarmos à sociedade do cansaço é preciso analisar algumas questões inerentes ao atual estágio do modo de produção e suas forças produtivas. Nessa direção, o intenso e cada vez mais

crescente processo de precarização do trabalho vem penalizando progressivamente a população que vive sem oprimir outrem. Aos que, por razões históricas, a fim de garantir a sobrevivência, necessitam vender sua força de trabalho, têm que submeter forçosamente a esse terrível cenário e a condições cada vez mais degradantes.

Em “O Capital” Marx (2013), ao diferenciar o trabalho e a produção dos animais do dos homens, enfatiza que os primeiros realizam esta atividade tendo em vista atender as exigências práticas imediatas de si mesmos e também a de seus dependentes, ademais, a atividade destes é determinada unicamente pelo instinto ou pela experiência limitada que podem ter. O homem, diferentemente, consegue projetá-lo, além de definir meios diversos que favorecem o alcance de seus objetivos, em razão de possuir a capacidade da livre escolha da alternativa que melhor se adeque a seus meios.

O trabalho, todavia, na condição de mercadoria e cada vez mais explorado, impede que o mesmo promova pessoas livres e senhoras de si próprias. Na contemporaneidade o trabalho humano, atendendo as determinações do capital, assumiu características diferentes das anteriormente pensadas por Marx e, desse modo, não promovendo a humanização e a hominização humana, mas, ao contrário, seu embrutecimento e animalização, em virtude das condições precárias em que se realiza atualmente.

A recente reforma trabalhista do governo brasileiro (Lei nº 13.467/2017) enseja ainda mais a precarização do trabalho, sobretudo quando altera pontos decisivos da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), como por exemplo: amplia as possibilidades de terceirização (permitindo que essa modalidade seja utilizada na atividade fim da empresa); criação do trabalho intermitente (onde o trabalhador é remunerado conforme horas ou dias de trabalho, não necessitando ter continuidade); mulheres grávidas ou lactantes poderão trabalhar em condições insalubres, com a condição que apresentem atestado médico que autorize o exercício da profissão; férias poderão ser parceladas em até três vezes; flexibilização da jornada, planos de cargos e remuneração poderão ser negociados entre trabalhadores e empresas, sendo que o que for acordado valerá mais que o previsto em lei; o trabalhador, caso perca a ação trabalhista, terá que arcar com honorários e outras despesas.

Esse cenário retrata o contexto da mundialização do capital que ensejou um processo que resultou na reestruturação do trabalho e cujos efeitos são perceptíveis na intensificação da força de trabalho. Essa reestruturação promoveu uma nova morfologia social de acumulação capitalista, baseada em mais trabalho e menos remuneração. Além do mais:

Um sistema social baseado na competição, no mercado e na apropriação ilimitada de bens conduz à perda da razão social da vida, significando a abstração, a alienação do “lado social da vida humana (Mészáros, 2006, p. 160).

Nesse bojo, a reestruturação produtiva por qual passou o modo de produção capitalista em meados da década de 1970 atingiu todo o conjunto da classe trabalhadora. O trabalhador docente também foi atingido em cheio e isso acarretou danos a sua vida e também a sua saúde, sobretudo após as reformas educativas da década de 1990 incorporarem o espírito da racionalidade neoliberal. Era mais evidente que as modificações na estruturara produtiva capitalista aguçou ainda mais a reprodução de um trabalho intensificado, bem como tem exasperado abissalmente os processos de flexibilização e precarização das relações de emprego, sobretudo quando os fundamentos da doutrina neoliberal estão presentes nas reformas trabalhistas em todo mundo. A uberização, por exemplo, é parte desse processo, uma vez que estamos diante de “[...] um novo tipo de gestão e controle da força de trabalho, também compreendida como uma tendência passível de se generalizar no âmbito das relações de trabalho” (Abílio, Amorim, Grohmann, 2021, p. 27). Nesse sentido, a uberização é resultado

[...] das formas contemporâneas de eliminação de direitos, transferência de riscos e custos para os trabalhadores e novos arranjos produtivos, ela em alguma medida sintetiza processos em curso há décadas, ao mesmo tempo em que se apresenta como tendência para o futuro do trabalho. O tema ganha visibilidade com a formação de enormes contingentes de trabalhadores controlados por empresas que operam por meio de plataformas digitais.

Trata-se de uma das mais sofisticadas formas de precarização, de controle e subordinação do trabalho. Tal sofisticação está devidamente alinhada ao *just-in-time* cujo objetivo precípuo reside em evitar qualquer desperdício ou prejuízos e não produzir nada mais que o necessário. Nessa linha:

No trabalho subordinado por meio de plataformas digitais, trabalhadores não são contratados, nem mesmo recrutados. Não há vagas predeterminadas ou processos seletivos – aparentemente, para trabalhar, basta se cadastrar. O contrato de trabalho agora transfigura-se em um contrato de adesão. (Abílio, Amorim, Grohmann, 2021, p. 38).

Estamos diante de um avançado estágio de exploração da força de trabalho. A precarização, a terceirização e a informalidade do trabalho são nutrientes fulcrais à expansão do capitalismo (Neves, 2022). Os trabalhadores e trabalhadoras vão sendo recrutados e incorporados a essa nova dinâmica de subjugação da classe que vive do trabalho. Percebo, em concordância com Neves (2022, p. 12), que o recente cenário de intensificação da exploração da força de trabalho foi acolitada “[...] pelo rebaixamento salarial, retirada de direitos trabalhistas, focalização/privatização de políticas sociais, o aumento da idade para aposentadoria e o crescimento de impostos regressivos

Nessa linha, a mundialização do capital engendrou um modelo flexível de organização do trabalho. No mundo e no Brasil esse arquétipo do projeto de dominação burguesa aponta um horizonte de barbárie para a classe trabalhadora, pois o atual estágio de precarização infringe um duro golpe [...] imprimindo aos trabalhadores/as mais pobreza, exploração e desemprego, uma vez que muitos destes encontram-se totalmente desprovidos de direitos do trabalho" (Neves, 2022, p, 15).

Os trabalhadores docentes, imersos nessa conjuntura, não estão imunes ao processo que impele a precarização e que atinge visceralmente a classe que vive do trabalho, impondo uma nova racionalidade no processo de subalternização, mas mantendo a essência da exploração do trabalho, baseada na extração exponencial da mais-valia (absoluta e relativa).

Considerando especificamente as reformas educacionais para a América Latina nas últimas quatro décadas podemos afirmar que o avanço das políticas neoliberais provocou a submersão em uma nova forma de colonialismo. No entanto, cabe destacar que de acordo com Oliveira e Ribeiro (2022, p. 39): "Os professores brasileiros, em alguns aspectos, mais do que os da Argentina, Peru e Uruguai, encontram-se em situação desfavorável". O fator renda, segundo Oliveira e Ribeiro (2022), é um desses aspectos, além do processo de uberização que vem atingindo cada vez mais docentes, exemplificado pela precarização contratual do docente com a instituição empregadora. Moura, Mendes e Aquino (2021), por sua vez, ao analisarem a precarização contratual do professor no Brasil, apontam que a uberização tem sido uma tendência crescente nas escolas públicas, uma vez que presenciamos a expansão de modelos contratuais fragilizados. Assim:

Constatamos que o trabalho do docente uberizado situa-se na condição mais precarizada e desvalorizada do professor no mercado de trabalho, com uma jornada indefinida, na qual este precisará disponibilizar o seu tempo de forma integral, em cadastro na plataforma, onde estão catalogados em listas de espera. Os docentes uberizados não têm estabilidade no trabalho e, portanto, inexiste o plano de carreira e os direitos trabalhistas são praticamente negados. Quanto à sua remuneração, o professor contratado dependerá das horas trabalhadas, com total imprevisibilidade quanto ao salário, alargando o abismo de desigualdade em relação aos docentes efetivos, que, por sua vez, não têm o salário equitativo à sua função (Moura, Mendes e Aquino, 2021, p. 81).

De acordo com Paiva, Gomes e Helal (2016), assistimos um intenso processo de precarização no ambiente de trabalho docente que é intrínseco às condições estruturais, relacionadas à infraestrutura, falta de materiais, recursos financeiros e a sobrecarga de trabalho docente. O aumento dessa sobrecarga mantém intima relação com a intensificação do trabalho e o produtivismo acadêmico. É importante retomar uma reflexão de Sguissardi (2010) que

entende que o produtivismo acadêmico é fenômeno derivado dos processos de regulação e controle do trabalho docente, focando particularmente na avaliação do professor e se caracteriza pela excessiva valorização da quantidade de produção científico-acadêmica, dando pouca importância a qualidade do que é produzido.

Conforme exposto por Farias Júnior (2020) a preocupação com a produção acadêmica não é em qualificar o produto científico, visto que se restringe basicamente com aspectos quantitativos, o que implica na intensificação do labor docente. Desse modo, gradativamente nos tornamos “reféns da produtividade” (Bianchetti e Machado, 2008, p. 89). Gradativamente, o *ethos* da produção universitária adotava a racionabilidade produtivista e assim insuflava uma nova configuração do trabalho docente que se apresentava mais refém dessa lógica produtiva. Os impactos são percebidos por todos os membros da comunidade acadêmica, uma vez que:

As mudanças atingem não apenas as instituições universitárias, mas também repercutem junto aos Coordenadores de Programas, aos Professores, e aos pós-graduandos, que são compelidos a se preocupar com índices, classificações, fatores de impacto, rankings e, principalmente, a lidar com situações que envolvem um grande grau de competição entre os Programas (Bianchetti e Valle, 2014, p. 97).

A lógica individualista exacerbada, característica muito peculiar do liberalismo clássico, estava impregnada na pós-graduação e se fundou novos hábitos acadêmicos, alicerçados em paradigmas que estimulava uma crescente competitividade entre os atores universitários dos programas stricto sensu. A graduação também foi afetada pela lógica produtivista. Pois, de acordo com Spink e Alves (2011) professores vinculados a programas de pós-graduação stricto sensu paulatinamente foram se afastando das demais atividades acadêmicas (como o ensino e extensão) e progressivamente aumentava a dedicação para atividades mais prestigiadas pela avaliação da CAPES.

Oliveira, Pereira e Lima (2017) avaliam que é cada vez mais perceptível a relação intrincada estabelecida entre trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades. Trata-se de um cenário urdido por um modelo de universitário “neoprodutivo, heterônoma e competitivo” (Sguissardi, 2005, p. 33.) e que coloca em risco o bem estar do docente universitário, pois

Nesse cenário, a saúde do trabalhador tem sido afetada, pois, apesar de propiciador de identidade e veículo de sociabilidade, em condições inadequadas o trabalho implica em adoecimento. Compreendendo o docente universitário como um trabalhador, também submetido às mesmas regras de produção e reprodução do sistema, ressalta-se a importância de investigar seu trabalho dentro do contexto de implementação globalizada de políticas neoliberais, as quais têm promovido mudanças nas características

do trabalho e na gestão do ensino superior (Oliveira, Pereira e Lima, 2017, p. 610).

Borsoi e Pereira (2013) avaliam que o labor professoral na educação superior tem se pautado na tensão produtividade e adoecimento e que os professores que mais procura procuram de auxílio médico e/ou psicológica são docentes de programas de pós-graduação, especialmente mulheres com maior número de orientandos. A dedicação intensificada ao labor universitário subtrai tempo para a realização de outras atividades humanas. O tempo livre se esvanece em meio ao acúmulo de atividades que nunca terminam. E segundo Alves (2017) os docentes progressivamente incorporam a suas rotinas o trabalho que progressivamente vai ocupando o espaço que outrora era dedicado ao ócio, ao descanso, ao lazer, à família etc.

3 Metodologia

A pesquisa seguiu a epistemologia do materialismo histórico dialético e na literatura que versa sobre o trabalho, intensificação do trabalho, saúde e adoecimento docente. Desenvolveu-se em duas etapas. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica em periódicos, dissertações, teses e obras. Tendo por base a pesquisa qualitativa, durante a pesquisa bibliográfica foi possível construir as bases conceituais, analíticas e descritivas, bem como a caracterização dos aspectos teórico-metodológicos inerentes ao objeto de estudo dessa investigação, onde se procurou entender seus significantes, as relações, causas e consequências acerca do objeto examinado.

A pesquisa empírica foi realizada em duas universidades situadas no município de Belém (PA): UEPA (vinculada à rede pública) e UNAMA (vinculada à rede privada), especificamente junto a professores doutores que atuam em programas de pós-graduação Stricto Sensu. O recorte amostral foi delimitado a 6 (seis) cursos de pós-graduação, sendo três de cada instituição e que possuíam cursos de mestrado e doutorado e considerando, para fins de recorte amostral, a maior nota na última avaliação da CAPES e maior tempo de oferta dos respectivos cursos. Posteriormente selecionarei 1 (um) docente de cada Programa para realizar entrevistas semiestruturadas. Na seleção dos entrevistados, priorizei inicialmente docentes cuja atuação nos referidos programas tenha ultrapassado 5 (cinco) anos e que o regime de trabalho seja de Tempo Integral e dedicação exclusiva (UEPA) ou dedicação exclusiva (UNAMA). A intenção é identificar “pistas”, sinais de processos de adoecimento entre docentes que se submetem a exercer suas atividades profissionais na educação superior Stricto Sensu.

De posse do material coletado, efetuou-se a análise de dados. Adotou-se como referência as indicações da análise de conteúdo proposta por Bardin (2009) Inicialmente, efetuou-se a leitura de todo o material coletado para, em seguida, adequadamente, organizá-los. Logo após, definiu-se as unidades de

registros, de contexto, bem como os trechos significativos das falas dos depoentes, considerando as etapas desse tipo de análise: a) Pré-análise, na qual realizou-se a leitura flutuante e a formulação de indicadores investigativos; b) exploração do material, momento em que ocorreu a categorização ou codificação do estudo e c) tratamento dos resultados, inferência, interpretação, intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2009).

Procurando legitimar a investigação realizada, a presente pesquisa qualitativa tratou os dados coletados segundo a proposta de validação transformacional, pois, ancora os objetivos da pesquisa a tradição interpretativa (Cho; Trent, 2006). A intenção, ao tomar os referidos procedimentos, é que esses me permitissem descrever e interpretar as relações que se estabelecem entre a intensificação do trabalho docente na educação superior e o processo de adoecimento dos professores.

4 Quando o trabalho adoece: relações entre o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente na educação superior

4.1 Identificando processos de adoecimento em docentes que atuam em programas de pós-graduação Stricto Sensu da UEPA e UNAMA

A intensificação do trabalho docente na pós-graduação Stricto Sensu é um fenômeno que se insere no contexto das reformas educacionais, em particular as de cunho neoliberal, iniciadas nas políticas públicas educacionais nos anos de 1990 e cujos contornos indicavam uma radical tendência a precarização das condições de trabalho. Trata-se, pois, de uma análise geral que nos permite entender determinadas condições que ensejam processos de adoecimento decorridos do tipo de labor que caracteriza as atividades acadêmicas no âmbito da pós-graduação brasileira.

Assim, inicialmente, no que tange a pesquisa empírica realizada, foi possível a identificação, por meio do instrumento de coleta de dados empregado (entrevista semiestruturada), das principais doenças que os docentes vem adquirindo em razão das características do trabalho efetivado. Tendo em vista adquirir uma informação mais precisa, levamos em consideração apenas as doenças que possuíam o CID (Classificação Internacional de Doenças), o que se encontra sistematizado no Quadro 01:

Quadro 1 - Doenças físicas e mentais dos docentes da pós-graduação (UEPA/Unama).

Docente	Doença física	Doença Mental
D 01	Disfonia	Ansiedade
D 02	Nódulos nas pregas vocais	Ansiedade
D 03	Afonia	síndrome de burnout
D 04	LER/DORT (Lesão por Esforço Repetitivo/Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho)	Ansiedade
D 05	Disfonia	Depressão
D 06	Afonia	Ansiedade

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

A identificação dessas doenças em decorrência do labor na pós-graduação está em sintonia com muitos trabalhos já produzidos na literatura que versa sobre a temática. Destaco, em especial, as investigações de Bernardo (2014), Borsoi (2012), Caran *et al.*, (2011) e Carvalho Neto e Braga, (2015). Mas algo desperta a atenção nos dados coletados. Todos os docentes que participaram da pesquisa de campo informam terem adquiridos não apenas doenças físicas, mas também mentais, o que deveria nos alertar ainda mais, tendo em vista a tendência crescente a formas de precarização do trabalho docente (Silva, 2020).

Estamos imersos na cultura do desempenho (Villela; Timerman, 2023) e na sociedade do cansaço (Han, 2017), o que enseja que nossa saúde física e mental vá progressivamente debilitando. Não estamos apenas desenvolvendo doenças osteomusculares, mas também prejudicando nosso bem estar emocional em função das atividades laborais.

Desse modo, a intensificação das atividades laborais não permite aos docentes saírem ilesos desse processo. A perda da voz talvez seja a morbidade mais visível. No entanto, doenças mentais silenciosas também vão se manifestando quase sempre pouco perceptíveis até mesmo em nossos lares.

Na maioria das vezes, só quando os sintomas de determinadas doenças mentais começam a afetar a produtividade acadêmica é que elas são percebidas. Campos, Véras e Araújo apontam em suas investigações que os transtornos mentais comuns que afetam os docentes, “[...] apesar de não serem eventos com impacto mais direto na mortalidade, podem levar a incapacitações graves e definitivas, acarretando redução da qualidade de vida” (2020, p. 746).

É necessário, assim, entender como trabalho instituído na nossa sociedade, em especial o dos professores que exercem atividades laborais em programas de pós-graduação, vem danificando nossa saúde de um modo geral. O cuidado com a saúde não é apenas uma questão individual, mas requer a

responsabilização política dos fatores externos que ensejam a precarização, intensificação e adoecimento docente.

4.2 Processos de intensificação do trabalho e adoecimento docente em cursos de pós-graduação Stricto Sensu UEPA/Unama

Considerando a atual forma de organização do trabalho docente em programas de pós-graduação, é perceptível verificar que o exercício laboral nesse campo envolve um enorme contingente de desafios e responsabilidades que ultrapassam apenas o ensino e o espaço da universidade.

Se o exercício do labor acadêmico permite uma certa flexibilidade do cumprimento de parte da carga horária na residência, essa possibilidade acabou resultando na extração da carga horária das atividades profissionais. O tempo livre foi sendo cada vez mais subtraído e em contrapartida ocorreu a elevação do trabalho. Nessa tessitura, o trabalho vem provocando danos físicos e mentais nos professores, produto da precariedade das condições do desenvolvimento de suas atividades acadêmicas e tem como resultado a produção de sentimentos de tristeza, desânimo, incapacidade e até absentismo. O Quadro 02 releva parte das impressões dos docentes sobre o trabalho que realizam na pós-graduação.

Quadro 2- Impressões do trabalho em programas de Pós-Graduação

Docente	Impressões sobre o trabalho
D 01	É exaustivo. Trabalho que extrapola e muito a carga horária de trabalho oficial
D 02	Muito cansativo. Praticamente, hoje em dia acúmulo muito trabalho em casa.
D 03	O trabalho da sala de aula é cansativo. Mas a minha moradia também virou espaço de um trabalho tão desgastante quanto a sala de aula.
D 04	Trabalho na universidade e trabalho em casa. Parece que só descanso quando adoeço.
D 05	Uma rotina intensa e cansativa. Antes dava pra descansar quando chegava em casa. Mas hoje nem no fim de semana tenho tempo livre.
D 06	Antigamente voltava pra casa pensando em descansar. Mas tem dias que fico pensando se vale a pena voltar para casa, pois sempre tem muito trabalho me esperando.

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Considerando o relato dos docentes que participaram da pesquisa de campo, percebemos que estamos submersos na sociedade do mais trabalho, do

sofrimento e do adoecimento que vem castigando os professores. De um modo geral, esse processo não acomete apenas os trabalhadores da pós-graduação. Para Dal Rosso (2008) a intensificação do labor na sociedade contemporânea atinge todo o conjunto da classe trabalhadora.

Nesse bojo, as atividades laborais consomem cada vez mais energias físicas e mentais dos professores. Essa sobrecarga de trabalho vai gradativamente comprometendo a psicodinâmica do trabalho, o que enseja no trabalhador sofrimento quando entende que não consegue dar conta da tarefa (Dejours, 2012).

E o acúmulo de tarefas laborais vão abalando nosso estado emocional, especialmente quando não há momentos significativos de descanso físico e mental. Trata-se de uma jornada de trabalho que se prolonga indefinidamente e que subtrai cada vez mais tempo, por exemplo, do direito ao ócio.

A recomposição das energias físicas e mentais poderiam ser recompostas no retorno ao lar. Mas nem durante o final de semana o docente consegue ter esse momento. Quase sempre é um relatório pra finalizar, um artigo pra revisão, orientações, etc.

O lar não é mais espaço de descanso, alívio das tensões do trabalho, mas uma continuação do estado de uma interminável exaustão. A rotina intensa tem prolongamento na residência, onde são expungidos momentos de repouso e adicionados mais trabalho.

Esse adicional de trabalho ocorre tacitamente. De imediato o ingresso em programas *stricto sensu* representa um certo prestígio acadêmico ao docente. Porém, ao longo do tempo, quando as demandas laborais aumentam, a percepção sobre seu exercício profissional se modifica. Nessa linha, Silva, et al. (2023) destacam que o exercício laboral docente consome grande parte do tempo dos professores e a intensidade desse labor sempre exige altos níveis de concentração e atenção para a execução das metas pedagógicas, o que tende a provocar nos professores “[...] sintomas como ansiedade, angústia, cansaço e irritabilidade excessivos, relacionados ao estresse no ambiente de trabalho” (Silva, et al., 2023, p. 5).

Esse aumento do labor é percebido pelos docentes como algo inerente ao ingresso na pós-graduação. É o que indicam as informações apresentadas pelos professores no Quadro 03

Quadro 3 - Intensificação/adoecimento laboral/atividades na pós-graduação

Docente	Intensificação/adoecimento laboral/atividades na pós-graduação
D 01	Quando eu trabalhava apenas na graduação não sentia tanto essas cobranças. Hoje trabalho demais e também adoecendo demais. Eu fico muito nervoso com a pressão. Não sei lidar com isso.
D 02	A sensação que tenho é que quando eu trabalhava apenas na educação básica eu não era tão cobrado. Hoje eu não paro de

	trabalhar e essa falta de descanso traz prejuízos ao meu corpo e à minha mente.
D 03	Eu estava perdendo o ânimo e motivação. Não entendi o porquê de continuar num trabalho que resumia a muito cobrança, pouca valorização e muito adoecimento.
D 04	Meu cansaço não era apenas físico. O mental também estava prejudicado. Muitas vezes esperava chegar em casa e repousar, mas eu ficava as vezes mais tenso ainda.
D 05	O ritmo de trabalho na educação superior é muito alto. Mas a pós-graduação extrapola demais nas cobranças e isso primeiro nos faz sofrer, depois acaba com nossa saúde. Teve uma hora que tive que me afastar do trabalho, pois lá virou sinônimo de dor, tristeza e sofrimento.
D 06	Hoje em dia estou pensando em sair da pós graduação. Ela só me dá status e adoecimento. Quando chego em casa não consigo mais relaxar. Fico preocupado, ansioso.

Fonte: pesquisa de campo 2024

Tendo em vista os relatos recolhidos, percebemos que o trabalho docente, entendido como uma das novas formas de ser do trabalho, não escapa do processo de deterioração ampliada que ocorrem sob a chancela do capital internacional. As recentes mudanças ocorridas no mundo do trabalho, em função da crise do capital e da nova forma de regulação e acumulação em voga, evidenciam claramente a existência de um estratagema que vem provocando a desprofissionalização e proletarização dos professores e dos demais trabalhadores de um modo geral.

É importante observar que os docentes percebem a diferença existente entre a atividade laboral na graduação e o acúmulo de tarefas acadêmicas por conta do trabalho na pós-graduação. A jornada de trabalho é a mesma (geralmente 40 horas semanais), no entanto ao se vincular a programas *stricto sensu* o docente percebe que as exigências são bem maiores.

Ao se vincular a um programa de pós-graduação os professores percebem um significativo aumento do volume de trabalho que ele terá que dá conta caso queira se manter no mesmo. De certo modo, voluntariamente, ele passará a ser “refém da produtividade” (Bianchetti; Machado, 2008, p. 89).

Ao que parece, estamos submersos na sociedade do desempenho e nada mais importa, desde que a quantidade de produção acadêmica exigida pela CAPES esteja em dia. Na “[...] sociedade do desempenho, a sensação mais comum é o cansaço, justamente pelo excesso de atividade a que se propõe” (Villela; Timerman, 2023, p. 8). Na leitura flutuante realizada sobre o material coletado nas entrevistas, a expressão que mais apareceu foi cansaço. Todos os participantes se queixaram de uma sensação de esgotamento físico e mental como nunca na carreira que nem o descanso semanal e nem as férias estava

sendo capaz de revigorá-los, conforme veremos nos fragmentos expostos no Quadro 4:

Quadro 4 - Cansaço e exercício laboral na Pós-Graduação.

Docente	Sentimento
D 01	Eu fico cansado, esgotado física e mentalmente. E parece que não consigo mais me recuperar. Aí a saúde fica comprometida.
D 02	Há meses ou anos que sinto um tremendo cansaço que não tem final de semana ou férias que cure. Isso agrava muito minha debilitada saúde
D 03	Minha rotina é a rotina do cansaço. Só descanso quando adoeço.
D 04	O cansaço virou meu acompanhamento de todas as horas
D 05	Quando penso que irei descansar surge uma banca, uma avaliação ou reunião...
D 06	Eu queria ter tempo para mim. Cuidar da saúde. Mas não consigo. O cansaço toma conta de mim.

Fonte: Pesquisa de Campo (2024).

Embora os docentes entrevistados não tivessem apresentado documentação que comprovasse o intenso sentimento de cansaço, inferimos que pode ter relação com a possibilidade de início de sintomas associados a síndrome da fadiga crônica (CID-10 G93.3) que, segundo Zorzanelli, Vieira e Russo (2016), juntamente com a emergência da síndrome de burnout (CID-10 Z73.0) mantém intima relação com as [...] recentes transformações do mundo do trabalho envolvendo: restruturação produtiva, demissões em massa, precarização e a exigência crescente de trabalhadores polivalentes" (p. 81).

Assim, o intenso processo de precarização do trabalho, ao que tudo indica, vem afetando drasticamente a saúde do trabalhador docente. Se, por um lado, a permanente ameaça de desemprego, a intensificação das exigências, a redução dos salários apresentam algumas das dimensões mais exploradas pelas pesquisas que se ocupam em compreender esse processo, por outro, esse cenário vem provocando, tacitamente, estragos no corpo e na "alma" do trabalhador, pois, ampliou-se a "missão" profissional do professor, o que resulta na ampliação do desgaste físico e mental.

As condições de trabalho, ou seja, as circunstâncias sob as quais os docentes mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar podem gerar sobreexforço ou hipersolicitação de suas funções psicofisiológicas. Se não há tempo para a recuperação, são desencadeados ou precipitados os sintomas clínicos que explicariam os índices de

afastamento do trabalho por transtornos mentais (Gasparini, Barreto; Assunção, 2005, p. 192).

Silva Jr e Sguissardi (2009) compreendem que as reformas educacionais que vem sendo implementadas no Brasil, particularmente as partejadas a partir da década de 1990, provocaram mudanças no processo acadêmico-científico, bem como fomentaram a intensificação do trabalho do professor-pesquisador. Observam também que a pós-graduação ocupou destacada centralidade como polo gerador da efetiva reforma universitária, ensejando o produtivismo acadêmico, instrumental e ideológico e promovendo mudanças na identidade da instituição universitária e de seus professores, o que acarretou a emergência de uma “nova” universidade e com consequências para os professores, como: a extração de sua jornada ocupacional, uma vez que o docente quase sempre excede sua carga laboral, especialmente quando ocupa seu tempo livre com atividade de trabalho.

Bianchetti e Zuin (2012) destacam que paulatinamente exige dos professores universitários a aceleração do tempo de realização das pesquisas e que estas rapidamente se transformem artigos de periódicos, livros, capítulos de livro e trabalhos enviados a congressos científicos. Sem essa “produtividade” o docente está fadado ao fracasso, segundo essa lógica. Além disso, compete ao docente da pós-graduação orientar diversas dissertações e teses, além de acumular com aulas na graduação e orientações de Trabalhos de Conclusão. Em vista desse acúmulo de atividades, a quantidade de tarefas acadêmicas acaba repercutindo na qualidade, pois:

[...] a avidez pelo número cada vez maior de produtos científicos publicados não pode ser exclusivamente identificada como uma idiossincrasia de determinado indivíduo, pois é fundamental compreender a compulsão pela publicação de produtos acadêmicos como uma característica de um espírito do tempo. O mesmo espírito do tempo que impinge o recrudescimento da quantidade em detrimento da qualidade de tais produtos. O publish or perish parece ter atingido o paroxismo (Bianchetti; Zuin, 2012, p. 57).

Desse modo, segundo os fragmentos dos relatos expostos, é necessário pensar sobre as informações considerando uma psicodinâmica do trabalho que, por um lado, reconheça a questão do sofrimento e das patologias mentais associados à organização do trabalho, mas também considerando a possibilidade dialética no que tange a saúde dos trabalhadores (Dejours, 2017). Nesse cenário, a produção intelectual se desenvolve em tempos nos quais a pesquisa científica torna-se gradativamente mais administrada pela lógica do “publique ou pereça”. Os docentes, pois (e não apenas os que atuam em programas de Pós-Graduação), submergem nos ditames heterônimos da Capes, visto que:

Na prática cotidiana, os professores-pesquisadores defrontam-se claramente com duas realidades: uma, a graduação, que, apesar da presença, de crescente teor regulatório, do sistema de avaliação (SINAES), move-se, prioritariamente, sob os ditames da autonomia institucional; outra, a pós-graduação, que, de forma cada vez mais evidente, estrutura-se e funciona sob os ditames heterônimos da Capes, coadjuvante pelo CNPq, Finep e outros órgãos externos à instituição (Silva Jr; Sguissardi, 2009, p. 73).

De acordo com Silva Jr e Sguissardi (2009) os docentes não percebem que a intensificação do trabalho universitário, à medida que enriquece o Lattes, faz com que o mesmo adoeça e com isso morra “[...] um pouco a cada minuto de suas práticas universitárias” (p. 254). Ainda que os marcos do capitalismo apontem inexoravelmente para um futuro devastador para a humanidade (considerando, inclusive, a terrível crise climática por qual passamos), o que, certamente, irá implicar na potencialização dos níveis de exploração dos trabalhadores, há espaços para o movimento contraditório dos processos sociais e que podem nos afastar da barbárie para qual caminha nossa civilização. Talvez lá para onde nossa utopia sinalize seja possível imaginar o exercício do trabalho como agente que otimize as potencialidades humanas, ao invés de ser lugar de sofrimento e adoecimento.

5 Considerações finais

Entender de forma mais clara e precisa esse cenário que afeta em maior e menor grau todos os docentes da educação superior foi o que nos motivou investigar o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente, dada a intensificação do trabalho dos professores que atuam em cursos de Pós-Graduação.

Destacamos que não identificamos diferenças significativas entre as amostras recolhidas entre os docentes que atuam na *stricto sensu* da UEPA e UNAMA. Mas não se pode desconsiderar em futuras pesquisas a questão da estabilidade ainda presente no exercício laboral dos professores vinculados a uma universidade pública e a ausência dela nos docentes que atuam na rede privada.

Por outro lado, a investigação permitiu percebermos pistas que está em curso ainda mais incisivo processos de adoecimento que estão diretamente relacionadas a intensificação do trabalho docente em cursos de pós-graduação das respectivas universidades. Desse modo, acreditamos que os objetivos estabelecidos, bem como o problema de pesquisa aqui proposto foram alcançados.

Ressalvamos que no Brasil a literatura acerca dos problemas de saúde e processos de mal-estar, sofrimentos e adoecimentos de professores revelam que os transtornos mentais e comportamentais, distúrbios da voz e doenças

osteomusculares e do tecido conjuntivo vem afetando a saúde dos docentes em todos os níveis, disciplinas e momentos da carreira. Muitas pesquisas tem apontado o aumento expressivo do mal-estar de professores que atuam em todos os níveis.

No que tange particularmente os docentes vinculados a programas de pós-graduação essa situação é agravada pela cultura do produtivismo e do desempenho acadêmico. Nesse sentido, essa pesquisa procurou avançar no campo teórico e empírico para compreender as relações que se estabelecem entre a intensificação do trabalho na educação superior e o processo de adoecimento dos docentes que atuam em programas de pós-graduação.

Assim, esperamos prosseguir na contribuição intelectual que visa a construção e refinamento dos instrumentos teórico-metodológicos que investiguem a relação do exercício do magistério superior e os processos de adoecimento professores. É importante frisar que em pesquisas anteriores, realizadas no âmbito do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) vinculadas a UEPA, indicam que os docentes dessas instituições, em função da intensificação de suas atividades laborais, vão adoecendo progressivamente física e mentalmente e não apenas por conta da elevada jornada de trabalho, mas também por conta das exigências sempre maiores de que se produza em elevada quantidade, não necessariamente em qualidade, além da permanente presença do histórico de desvalorização e aviltamento salarial.

Avaliamos que na rede particular essas cobranças são ainda mais copiosas, tendo em vista as relações de vínculo empregatício expressivamente mais fragilizadas. Trata-se de uma condição que, por exemplo, enseja processos de adoecimento, como já verificado em pesquisas recentes.

É oportuno, destarte, em virtude de um cenário que indica o aumento do já exasperado quadro de precarização e intensificação do trabalho docente, apontar a necessidade e a importância da realização de estudos que permitam uma compreensão teórica e empírica mais percuciente desse processo que cada vez mais provoca o adoecimento daqueles que se dedicam a complexa tarefa de ensinar, pesquisar, o que, por tabela, acaba acarretando prejuízo ao processo de ensino-aprendizagem.

Entendemos, também, a importância do aprofundamento de instrumentos teóricos que aprimorem as investigações referentes as incessantes mudanças que ocorrem no mundo trabalho e que afetam o trabalho docente nas universidades. Em pesquisas posteriores esperamos avançar nesse ponto, como também em ampliar o campo amostral dos estudos de campo por meio de uma pesquisa que congregue pesquisadores de diferentes regiões do país, tendo em vista reunirmos mais elementos empíricos que busquem entender as múltiplas variáveis inerentes ao campo de investigação aqui delimitado.

Por fim, é oportuno afirmar que não podemos reduzir nossas existências aos ditames da produtividade e nos tornarmos mero apêndice da engrenagem acadêmica que reduz expressivamente o significado de nossas existências. Que possamos voltar a valorizar o tempo do não trabalho, do ócio, da preguiça como

elementos também fundamentais no desenvolvimento da potencialidade humana. A vida, inclusive a acadêmica, não deve se resumir a preencher o Lattes.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. Porto Alegre. **Sociologias**, v. 23, n. 57, p. 26-56, 2021.

ALVES, Estefanni, Mairla. **Do Aperfeiçoamento ao Controle da Formação:** As Metamorfoses da Avaliação da Pós-Graduação em Educação no Brasil. 155 f. Dissertação(Mestrado) -Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza/CE, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, 2009.

BERNARDO, Márcia. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, 26, 129-139, 2014.

BIANCHETTI, L. & MACHADO, Ana Maria. **Reféns da produtividade:** sobre produção de conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. GT: Trabalho e Educação, 9. Anped, 2008.

BIANCHETTI, Lucídio; ZUIN, Antônio. O intelectual universitário e seu trabalho em tempos de “pesquisa administrada”. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v. 28, n. 03, p. 55-75. set. 2012.

BIANCHETTI, Lucídio.; VALLE, Ione. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22,n. 82,p. 89-110, 2014.

BORSOI, Izabel; PEREIRA, Flavilio. Professores do ensino público superior: Produtividades, produtivismo e adoecimento. **Universitas Psychologica**, 12(4), 1211-1233, 2013.

BORSOI, Izabel. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 12(1), 81-100, 2012.

BRUM, Eliane. Exaustos-e-correndo-e-dopados. Jornal El País, 4 de julho de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html. Acesso em: 09 jun. 2021.

CAMPOS, Tais.; VÉRAS, Renata M.; ARAÚJO, Tânia. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior* (Campinas), v. 25, n. 3, p. 745-768, set. 2020

CARAN, Vânia *et al.* Riscos ocupacionais psicossociais e sua repercussão na saúde de docentes universitários. **Revista Enfermagem UERJ**, 19(2), 255-261, 2011.

CARVALHO NETO, Cacildo; BRAGA, Luana. Adoecimento docente: a degradação do trabalho e da vida. **Revista FAFIC**, 4(4), 1-13, 2015.

CHO, Jeasik; TRENT, Allen. Validity in qualitative research revisited. **Qualitative Research Journal**, v. 6, n. 3, p. 319-340, 2006.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DEJOURS, Christophe. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução (G. A. R. Mello Neto, Trad.). **Psicologia em estudo**, 17(3), 363-371, 2012.

DEJOURS, Christophe. Prefácio. Em C. Dejours, **Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos** (pp. 6-8). Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FARIAS JÚNIOR, Raimundo Sérgio. "Publish or perish": o produtivismo acadêmico e o adoecimento docente. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 644-663, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3142>. Acesso em: 16 ago. 2024.

GASPARINI, Sandra; BARRETO, Sandhi; ASSUNCAO, Ada. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e pesquisa**. 2005, vol.31, n.2, pp. 189-199.

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARX, Karl. **O Capital -Livro I** –crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOURA, Lívia Romero de; MENDES, Maria das Dores; AQUINO, Cássio Adriano Braz de. Do docente efetivo ao docente uberizado: a precarização contratual do professor no Brasil. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 67-85, set./dez.2021.

NEVES, Daniela. A exploração do trabalho no Brasil contemporâneo. **Revista Katálisis**, v. 25, n. 1, p. 11–21, jan. 2022.

OLIVEIRA, Amanda; PEREIRA, Maristela; LIMA, Luana. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 609–619, set. 2017.

OLIVEIRA, Walas; RIBEIRO, Luís. Reflexões sobre a precarização do trabalho docente na América Latina. **Trabalho & Educação** | v.31 | n.3 | p.29-47 | set-dez | 2022.

PAIVA, Kely; GOMES, Maria; HELAL, Diogo. Estresse ocupacional e síndrome de burnout: proposição de um modelo integrativo e perspectivas de pesquisa junto a docentes do ensino superior. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 16, n. 3, 2016.

SEVERIANO JUNIOR, Ely, et al. PRODUTIVISMO ACADÊMICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO. **REAd. Revista Eletrônica de Administração** (Porto Alegre), v. 27, n. 2, p. 343–374, 2021.

SGUSSARDI, Valdemar. Produtivismo acadêmico. In: Oliveira, D. A.; Duarte, A.; Vieira, L. (Org.). **Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010. 22 p.

SGUSSARDI, Valdemar. Universidade pública estatal: entre o público e o privado/mercantil. In: **Educação e sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 191-222, Jan./Abr. 2005.

SILVA JR, João dos Reis; SGUSSARD, Valdemar. **O trabalho intensificado nas federais**. Pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo. Editora Xamã, 2009.

SILVA, Amanda. **Formas e tendências de precarização do trabalho docente**: o precariado professoral e o professorado estável-formal nas redes públicas brasileiras. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA, Jerto. et al. Saúde mental, adoecimento e trabalho docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e242262, 2023.

SPINK, Peter; ALVES, Mario. O Campo Turbulento da Produção Acadêmica e a Importância da Rebeldia Competente. **Revista O&S**, 18(57), 337-343, 2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis. Editora Vozes. 2005.

VIEIRA, Josimar; CASTAMAN, Ana. Sara; JUNGES JÚNIOR, Mário. Produtivismo acadêmico: representação da universidade como espaço de reprodução social. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 26, n. 1, p. 253–269, jan. 2021.

VILLELA, Marcela; TIMERMAN, Fernanda. Força, foco e fé: a sociedade do desempenho e a (má) alimentação. **Saúde e Sociedade**, v. 32, n. 2, p. e210771pt, 2023.

ZORZANELLI, Rafaela; VIEIRA, Isabela.; RUSSO, Jane. Diversos nomes para o cansaço: categorias emergentes e sua relação com o mundo do trabalho. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, n. 56, p. 77–88, jan. 2016.

Recebido em: 16 de agosto de 2024.

Aceito em: 29 de outubro de 2024.

Publicado em: 19 de dezembro de 2024.